

INTERFACES DA EDUCAÇÃO



Fernando Guimarães Oliveira da Silva
Juliana do Prado
Lucélia Tavares Guimarães

Editores



Revista Interfaces da Educação

Vol. 12 (35) – 2021

ISSN 2177-7691

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v.12	n. 35	p.01 à 1121	2021
---------------------	-----------	------	-------	-------------	------

PARECERISTAS 2020/2021

Adalberto Romualdo Pereira Henrique (UCP)
Adelisandra Silva Santos Castelhana (Faculdade Frutal-FAF /
UNIESP)
Ademar Alves dos Santos (UNIFAP)
Adriana de Carvalho Alves (Universidade Presbiteriana
Mackenzie)
Américo de Araujo Pastor Junior (UFRJ)
Ana Paula Pereira Arantes (FAMA/UNOESTE)
André Luiz de Oliveira (UEM)
Bernadete de Lourdes Streisky Strang (UNOPAR)
Camila da Silva Nunes (Universidade Luterana do Brasil)
Cibele Cristina Oliveira Mendanha Dias (Kroton Educacional)
Eliane Cleide da Silva Czernisz (UEL)
Eder Aparecido de Carvalho (IFC)
Eimard Gomes Antunes do Nascimento (Universidade de Aveiro
-Portugal)
Eliza Adriana Sheuer Nantes (UNOPAR)
Enio Freire de Paula (IFSP/PEP) Eurize Caldas Pessanha (UFGD)
Everton Bedin (Ulbra/UFRGS)
Everton Fêrrer de Oliveira (UNIPAMPA)
Fabiane de Andrade Leite (UFFS)
Fábio Luiz da Silva (UNOPAR)
Filicio Mulinari (UNIFIESP)
Flávio Reis Santos (UEG)
Francisco Jeimes de Oliveira Paiva (UECE/ UNILAB)
Gustavo Cunha de Araújo (UFT/UNESP)
Irene Marquina Sánchez (Universidad Veracruzana)
Italo de Paula Casemiro (UFRJ)
Jadson Justi (UFAM)
Jefrei Almeida Rocha (Faculdade Ateneu)
Jenerton Arlan Schütz (UNIJUI)
João Paulo Roberti Junior (UNIDAVI)
José Antonio de Souza (UEMS)
Kênia Hilda Moreira (UFGD)
Lara Rodrigues Facioli (UEL)
Lauro Roberto Lostada (UFSC)
Léia Teixeira Lacerda (UEMS)
Lucilene Soares da Costa (UEMS)
Lucas Esquivel Dias Brandão (PUC-Minas)
Maria Cristina Giorgi (CEFET/RJ)
Mariana de Oliveira Martins Domingues (UFF)
Marina Lícia dos Santos (UFS)
Marinete Rodrigues (UEMS)
Marta Rosani Taras Vaz (UEPG)
Mateus Dias Antunes (UNICESUMAR)
Olga dos Reis Ferro (UFMS)
Osmar Hélio Alves Araújo (UFPB)

Rejane Waiandt Schuwartz de Carvalho Faria (UFPA)
Ricardo José Lima Bezerra (Universidade de Pernambuco)
Roque Ismael da Costa Güllich (UFFS)
Sandra Cristina de Souza (UEMS)
Silvino Areco (UFMS)
Tania Renata Prochnow (ULBRA)
Thiago Beirigo Lopes (IFMT)
Thiago Donda Rodrigues (UFMS)

CONSELHO EDITORIAL

Ademilson Batista Paes, (UEMS)
Antônio Chizzoti, (PUC/SP)
Claudete Cameschi de Souza, (UFMS)
Doracina Aparecida de Castro Araujo, (UEMS)
Elisangela Alves da Silva Scaff, (UFGD)
Elson Luiz de Araujo, (UEMS)
Estela Natalina Mantovani Bertoletti, (UEMS)
Ester Fraga Vilas-Bôas Nascimento, (UNIT) Eurize Caldas
Pessanha, (UFGD)
Guilhermo Arias Beaton, (Facultad de Psicologia de la
Universidad de LaHabana, Cuba)
Horácio Marquina Sánchez, (Universidad Veracruzana. Instituto
de Investigaciones Psicológicas)
Irene Marquina Sánchez, (Universidad Veracruzana, México)
João Vírgilio Tagliavini, (UFSCAR)
José Antonio Souza, (UEMS)
José Carlos Miguel, (UNESP)
José María Hernández Díaz, (Universidad de Salamanca,
Espanha)
Laura Marisa Carnielo Calejon, (Universidade Cruzeiro do Sul)
Kizzy Morejón, (ULBRA)
Marcos Antônio Menezes, (UFG)
Marcos Aurélio Barbai, (Labeurb/Nudecri/UNICAMP)
Maria do Rosário Longo Mortatti, (UNESP)
Olívia Maria Ferreira Gonçalves Figueiredo, (Faculdade de Letras
da Universidade do Porto)
Silvane Aparecida de Freitas, (UEMS)
Silvia Regina Vieira dasilva, (UNESP)
Valdemir Miotello, (UFSCAR)
Vania Maria Lescano Guerra, (UFMS)

EDITORES

Fernando Guimarães Oliveira da Silva, (UEMS)
Juliana do Prado, (UEMS)
Lucélia Tavares Guimarães, (UEMS)

EDITORIAL ON-LINE

Jaqueline Resende Torres Maguetas, (UEMS)
Mateus Camaccho Soares, (UEMS)
Natália Leal dos Santos, (UEMS)

CAPA

Renan Da Silva Dalago

Interfaces da Educação - vol. 12 (35) - Paranaíba, MS: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2021.

1121p.

Quadrimestral.

ISSN 2177-7691

Tema: Políticas públicas educacionais: visão interna e externa do ambiente socioeducacional

1. Educação. 2. Periódico - Educação. I. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Unidade Universitária de Paranaíba. II. Ensinar e aprender em diferentes contextos: para além das fronteiras.

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira - CRB1º/1783

Apresentação de expediente

Fernando Guimarães Oliveira da Silva¹

A Revista Interfaces tem o prazer científico de apresentar mais um número, o 35. Nele, registramos o nosso compromisso de publicar estudos e pesquisas que contribuem para pensar a pluralidade de eventos que ocorrem na área da educação. No caso deste número, as contribuições focam em processos de formação inicial e de práticas de ensino de diferentes licenciaturas no âmbito da educação básica e de suas modalidades de ensino. Continuamos com o compromisso de engajar-se para dar protagonismo a corpos e corpos oriundos da geopolítica diversa dos/das/xs brasileiros/as/xs, (a)creditando na riqueza da variedade de temas tratados como reflexo de nosso comprometimento com a ciência.

Há um enfoque no campo da formação inicial e das práticas de ensino; assim expostos nos seguintes temas: programas de incentivo à formação inicial docente; estágio supervisionado; educação para a diversidade; relações étnicorraciais nas escolas; educação intercultural indígena; ensino de robótica; formação de professores; ensino de inglês; educação de pessoas jovens e adultas (EJA); ensino de biologia; ensino e religiosidade. Esses assuntos demonstram a diversidade temática e o engajamento de quem pesquisa na área da educação.

É com a responsabilidade de diversificar que apresentamos mais um número com estudos e pesquisas que deslocarão quem pretende nos ler. Queremos disparar outros olhares em quem vai foliar virtualmente as nossas páginas, o objetivo é de se tornar uma plataforma aberta para o debate e inspiração a novas contribuições. Temos a certeza que os estudos aqui publicados cumpriram com o primado do pensamento científico: o fomento à integridade ética do tratamento à ciência na área educação.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, Brasil (2019), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS – Unidade de Paranaíba).

Apresentação do dossiê

Maria Cecília de Souza Minayo¹

Renan Antônio da Silva²

Este dossiê, trabalhado ao lado de grandes amigos e de renomados pesquisadores, demonstra toda força de nossa ciência (nível nacional e internacional).

Pensadores como Paulo Freire (1921–1997) e Enrique Dussel apostam num processo de conscientização pedagógica do oprimido, dos condenados da terra, dos esfarrapados, dos minorizados, para se descobrirem como sujeitos éticos e ajudarem os opressores a se descobrirem como sujeitos éticos. A resposta está na liberdade. Oprimidos e opressores precisam se humanizar e encontrar a libertação.

Temos que descobrir e observar os sinais libertários com que o devir nos acena, compreender o que está acontecendo agora em nosso cotidiano e no mundo, e depositar nossa esperança no futuro, que já está em nosso meio.

A prática educativa de opção progressista jamais deixará de ser uma aventura desveladora, uma experiência de desocultação da verdade [...]. A desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo, onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo. [...] Uma das tarefas do educador ou educadora progressista [...] é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e, quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo a corpo puramente vingativo. O que há, porém, de castigo, de pena, de correção, de punição na luta que fazemos movidos pela esperança, pelo fundamento ético-histórico de seu acerto, faz parte da natureza pedagógica do processo político de que a luta é expressão. (FREIRE, 1994, p.

¹ Possui doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (1989). Desde 1997 é editora científica da revista *Ciência & Saúde coletiva* da Associação Brasileira de Saúde Coletiva e pesquisadora titular da Fundação Oswaldo Cruz.

² Pós - Doutorando em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília (UnB), FIOCRUZ, UECE e Mackenzie. Doutor em Educação Escolar (2018) pela UNESP/Araraquara. Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (Orientador de Mestrado e Doutorado) na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

11.)

Ainda segundo DE ARAÚJO ALVES et al. (2021), o processo de formação tende a ajudar o sujeito a adquirir a capacidade de conhecer, interpretar e valorizar a relação com outro sujeito. O conhecimento libertário não ocorre nas relações em que um sujeito nega o outro, mas somente no encontro e acolhimento entre sujeitos. O diálogo ajuda a reconhecer o outro, a dar sentido à existência coletiva e a descobrir de onde provêm o mal e as práticas de injustiça. Não é Deus quem oprime o homem.

Uma vez um camponês assim respondeu a Paulo Freire: “Quem oprime é o patrão, é o fazendeiro.” Diríamos nós: “Quem oprime é o sistema financeiro nacional e internacional. É o sistema que coloca a mercadoria como centro de tudo e produz uma ideologia castradora, sectária, negacionista, fatalista.” Esta concepção justifica o extermínio do outro e do Planeta. É contra as formas de dominação e exploração que a pedagogia social tem que se posicionar. Uma pedagogia social libertadora tende a produzir um conhecimento comprometido com processos humanizadores.

As visões fatalistas e negacionistas ganham força numa certa “meditação espiritualista alienante” do estilo “nova era”, de que após o Coronavírus-19 seremos uma nova humanidade, mais consciente. A sensação que temos é de que a pressão do capital sobre a vida virá mais forte (cf. ZIZEK, 2020, p. 85). As questões que se colocam e devem ser retomadas dizem respeito ao que fazer, como fazer, e quais são as tendências da crise em curso. Além disso, perceber os sonhos perigosos para o sistema de exploração. Quais são as ações e movimentos que geram a vida?

Nos trabalhos aqui publicados nesta edição especial, ao contrário de meditações espiritualistas, temos que recolocar as questões da humanização e da democratização da cultura. Neste sentido, a cada nova ordem social, seja ela do campo democrático ou autoritário, pergunta-se qual é a concepção e qual é o papel da educação. Vivemos um tempo que os intelectuais denominam de negacionista, o que, em termos concretos para a educação, caracteriza-se como a recusa, a negação, o não reconhecimento do outro. Este posicionamento gera as condições objetivas para o surgimento de

atitudes e comportamentos de feição sociopata ou psicopata.

O fatalismo é uma percepção distorcida da realidade. O educador social ou o trabalhador social

opta pela mudança e não teme a liberdade, não prescreve e não manipula, não foge da comunicação, pelo contrário, a procura e vive. Todo seu esforço de caráter humanista centraliza-se no sentido da desmistificação do mundo e da desmistificação da realidade. Vê nos homens com quem trabalha – jamais sobre quem ou contra quem – pessoas e não coisas, sujeitos e objetos. E se, nas estruturas sociais concretas, objetivas, os homens são considerados simples objetos, sua opção inicial o impele à tentativa de superação das estruturas, para que possa também operar-se a superação do estado de objeto em que estão para se tornarem sujeitos [...] Ele está convencido de que se a declaração de que o homem é pessoa e como pessoa é livre não estiver associada a um esforço apaixonado e corajoso de transformação da realidade objetiva, na qual os homens se acham coisificados, esta é uma afirmação que carece de sentido. (FREIRE, 2020, p. 67.)

Os elementos dessa pedagogia estão presentes no interior das próprias instituições públicas ou, ainda, entre lideranças políticas, jurídicas, institucionais. Sinalizam o tempo todo a desconstrução simbólica de um processo de humanização e fortalecem os sinais de um processo de desumanização, criando as condições para o extermínio de alguns grupos minorizados, tais como a mulher, o negro, as pessoas com deficiência e os migrantes.

Uma pedagogia humanizadora é comprometida com o respeito, a empatia, o acolhimento do outro. A pedagogia desumanizadora, por seu turno, atua na desvalorização e na negação do outro. O grupo gestor desta perspectiva repele a ideia de um sujeito em construção, inacabado, gerando uma visão de raça superior, estética e virtuosa, contra uma raça inferior, feia e perigosa e se colocando como a resposta salvadora da situação política e econômica.

Um aparato ideológico bem tecido induz o oprimido a negar a si e aos seus valores, a aplaudir, a seguir e a cumprir as vontades e desejos da tirania. Acreditam os oprimidos num processo de reificação que a única

saída é consumir a produção simbólica e material dos tiranos, mesmo que comprometam a sua própria vida. Em tempos de pandemia, isto ficou patente nos EEUU e no Brasil, em que grupos autoritários negam e destroem o outro, por meio de informações dúbias e confusas, desacreditando a ciência e, junto com ela, as políticas de direitos humanos que garantem o respeito ao outro.

Segundo DE ARAÚJO ALVES et al. (2021), pensado freirianamente e vigotskianamente, este cenário traz à luz uma crise epistemológica e ontológica. Epistemológica, porque começam a corroer os conhecimentos e valores acumulados pela humanidade. Tal corrosão leva à desumanização do sujeito e de Deus. De um lado, o outro é negado, e Deus se torna acessível somente a um grupo selecionado. As questões, do ponto de vista epistemológico, se tornam tão confusas, que os meios de comunicação e educativos capturam os desejos dos oprimidos e colocam em seu lugar os desejos dos opressores.

Milhares de pessoas perambulam pelas ruas e trabalham como escravos para satisfazer o desejo que o opressor plantou em sua alma. Há necessidade de uma nova epistemologia que desconstrua o conhecimento e os valores que foram reificados, a tal ponto, que o outro e a vida não servem para nada. A qualquer momento pode ser eliminada. Os deuses do capital e dos opressores assumiram as igrejas eletrônicas para que todos os oprimidos passem a adorar a exploração como fosse um caminho de libertação.

Do ponto de vista ontológico, apresenta-se, neste momento, um sujeito biologizado que já nasce definido, para ser aquilo que a natureza para sua entrada no mundo. Os discursos e os debates reforçam todo o tempo que alguns a natureza fez bons, fortes e virtuosos, capazes de resistir a tudo. Nem a doença se aproxima deles, do ponto de vista de uma leitura ideológica. Outros nascem fracos e maus, e devem ser comandados, porque não têm capacidade de discernir e mudar a situação. Precisam de alguém.

Os séculos XVIII ao XX consolidaram uma ontologia do sujeito como um ser inacabado, em construção, que se faz e refaz nas relações, no encontro com o outro. Este não é a minha maldição, é a possibilidade de eu

me descobrir enquanto humano e, juntos, construir uma humanidade cada vez mais democrática, por uma perspectiva de interculturalidade.

Neste encontro e desencontro ontológico, epistemológico, de convivência e de libertação, é que pensadores latino-americanos de Bartolomeu de Las Casas a Paulo Freire se posicionaram na construção de uma ontologia e epistemologia decolonial, que capturasse a voz daquele que é negado e, a partir desta perspectiva, produzir uma pedagogia que buscasse conscientizar o oprimido e o opressor, no sentido de uma humanização que vise eliminar ou dirimir todos os processos de exploração e de opressão.

Boa leitura;

28 de setembro de 2021.

Os organizadores.

Referências

DE ARAÚJO ALVES, Felipe Freitas; DEMO, Pedro; DA SILVA, Renan Antônio. ENSAIO ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA. **Revista Educação e Ciências Sociais**, v. 4, n. 6, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2020.

ZIZEK, Slavoj. *Pandemia*. São Paulo: **Boitempo**, 2020, p. 85